

AS VÁRIAS FACES DE DORIAN GRAY¹

THE SEVERAL FACES OF DORIAN GRAY

Juliana Prestes de Oliveira
Amanda L. Jacobsen de Oliveira
Anselmo Peres Alós
UFSM

Resumo: Neste trabalho buscamos analisar como se dá a relação entre a literatura e a pintura no romance *O retrato de Dorian Gray* (1993), do escritor Oscar Wilde. A partir da leitura e análise da obra, observamos o modo como o autor utiliza-se da linguagem para expor essas duas artes, sem que uma fique em um plano mais elevado que a outra, mas sim tratando as duas como forma de expressão artística do mesmo nível, apesar das suas diferenças. Além disso, percebemos que o autor aborda o modo como a sociedade constrói e aplica seus ideais estéticos através das discussões e reflexões dos personagens. Wilde nos revela os mais variados desejos e experiências que o ser humano pode ter e as consequências ou marcas que a realização desses pode deixar em nossas vidas ou alma. Como principais teorias norteadoras, utilizamos as perspectivas de Camile Paglia (1992), sobre a beleza destruidora de Dorian, e de Sânderson R. de Mello (2010) e de Aguinaldo J. Gonçalves (2011) para discutir sobre *Ut Pictura Poesis* e a relação entre literatura e pintura.

Palavras-chave: Retrato, Dorian Gray, Pintura, Literatura.

Abstract: *In this work we analyze the relation between literature and painting in Oscar Wilde's novel, The picture of Dorian Gray (1993). From the work's reading and analysis we remark the way the author uses language to expose these two arts giving them the same value, approaching them in the same level, despite of their differences. In addition, we observe the author discuss how society develops and applies its aesthetic ideals through characters discussions and thoughts. Wilde shows us most different desires and experiences possible to human beings and the consequences or impressions their achievement can leave in our lives or soul. As principal guiding theories, we draw on Camile Paglia's (1992) perspective about Dorian's destructive beauty, and Sânderson R. de Mello (2010) and Aguinaldo J. Gonçalves (2011) in order to discuss Ut Pictura Poesis and the correlation between literature and painting.*

Keywords: *Picture, Dorian Gray, Painting, Literature.*

INTRODUÇÃO

As reflexões acerca da relação entre literatura e arte, sempre estiveram presente nas discussões de escritores e pintores. Porém, na maioria das vezes a literatura ganhava maior destaque e a arte ficava

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

submetida às críticas e julgamentos dos escritores, tendo que se adaptar ao que a academia exigia ou vivendo na contramão e sem prestígio e reconhecimento.

Com o passar dos anos, essa relação foi se estreitando, e a pintura ganhou mais espaço no campo das artes e passou a adentrar na literatura. Os escritores Decadentistas, levados pela paixão à arte e à escrita, e talvez, influenciados pelos escritores Clássicos, foram alguns dos literatos que utilizaram seus textos e enredos para falar sobre pintura, fazendo crítica de arte e revelando a sociedade pintores e quadros até então desconhecidos, ou mal vistos pelos conversadores e academicistas.

Podemos observar a essa aproximação que os escritores buscavam realizar em suas obras como uma maneira de mostrar que a literatura e a arte estão em um mesmo nível, ambas possuem o seu valor e podem ser utilizadas para retratar o sentimento e anseios de uma época. Outrossim, intentavam, talvez, fazer com que a população repensasse as convenções estabelecidas e o modo de viver, além de ser uma forma de expressar os gostos, pensamentos e sentimentos do escritor.

Desse modo, o trabalho aqui proposto busca analisar o entrecruzamento da literatura e da pintura no romance *O retrato de Dorian Gray* (1993), do escritor Oscar Wilde. Ademais, procuraremos investigar a maneira como o autor traz, em seu enredo, as questões de moralidade, desejo, estética e a busca incessante do homem, representado pelo protagonista, em conhecer a si mesmo, através da relação com o mundo, e os seus anseios em experimentar sensações e prazeres diferentes, as atitudes que o ser humano é capaz de ter para manter seu *status* diante da sociedade. Assim, podemos dizer que o romance de Wilde vai além de uma simples história, ele mexe profundamente com a sociedade da época e com a maneira como as artes eram produzidas e vistas.

FACES DE DORIAN GRAY

O romance *O retrato de Dorian Gray*, do escritor inglês de origem irlandesa Oscar Wilde, foi publicado pela primeira vez em 1891². A história inicia com uma conversa entre o pintor Basil Hallward e *Lord Henry Wotton*, no ateliê do artista. Durante essa conversa, o jovem Dorian Gray chega ao ateliê para servir de modelo a um quadro de Basil. Ao avistá-lo, *Lord Henry* se encanta com a fascinante beleza de Dorian e aproxima-se dele, oferecendo sua amizade. A partir de então, começa a influenciá-lo com suas ideias, fala do modo como Dorian deveria aproveitar sua beleza e juventude, para experimentar todos os prazeres da vida antes de ficar velho. Quando Dorian vê o seu retrato finalizado, percebe que *Lord Henry* tinha razão. Ele é realmente belo e essa beleza pode logo acabar. Nesse momento, Dorian sente um enorme desejo de permanecer jovem para sempre. Depois dessa revelação, Dorian passa a ver a vida com outros olhos, a vivê-la mais intensamente, buscando diferentes experiências e se entregando aos mais variados prazeres, sem se preocupar com o que pudesse acontecer. Porém, com o passar do tempo, Dorian percebe, com surpresa, que, conforme realiza suas vontades mais íntimas e age de maneira mesquinha, esnobe e egoísta, o seu retrato imprime as marcas dessas atitudes e, por mais que os anos avancem, Dorian permanece jovem e belo e o que envelhece e se torna um monstro é o seu retrato. Esse monstro é resultante das atitudes e caminhos escolhidos por Dorian.

² Para realização desse trabalho utilizou-se a edição publicada em 1993.

Oscar Wilde é considerado um dos mais populares, polêmicos e maiores escritores da Inglaterra, tudo isso devido ao seu único romance: *O retrato de Dorian Gray* (1993). Nessa obra, podemos dizer que “[...] o autor confronta o leitor com a perfeição impossível” (FRITSCH, 2008, p.8), através do fato do protagonista nunca envelhecer. Esse confronto, e a valorização da beleza, também podem ser percebidos por meio das falas e conselhos de *Lord Henry* a Dorian. Desde que ele viu o jovem rapaz, sentiu o desejo que fazê-lo sua experiência, de mostrar a Dorian que, com a beleza que possuía, poderia conseguir realizar todos os seus desejos e manter sempre seu *status* perante a sociedade.

Lord Henry Wotton é um dos personagens mais cínico e hedonista do livro e, a partir desse tipo de comportamento, seduz Dorian, fazendo-o crer nessa sua visão de mundo. Esse hedonismo era típico dos decadentistas, onde o único propósito que merecia ser seguido é o da beleza e do prazer. Tal beleza podia ser vista nas coisas que as demais pessoas não considerariam como algo belo, conforme podemos verificar nos seguintes trechos:

[...] creio que se um homem quisesse viver plenamente, completamente, quisesse dar uma forma a cada sentimento, uma expressão a cada pensamento, uma realidade a cada sonho – creio que o mundo experimentaria tal impulso de alegria nova que nos esqueceríamos de todos os males medievais para voltarmos ao ideal grego (WILDE, 1993, p. 29).

[t]em-se dito que a beleza é apenas superficial que o Pensamento. Para mim, a Beleza é as maravilhas das maravilhas. Só os sujeitos acanhados não julgam pela aparência. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, nunca o invisível... Sim, Mr. Gray, os Deuses lhe foram favoráveis. [...] O seu rosto há de empalidecer, as suas faces hão de escavar-se e os seus olhares hão de fanar-se. Sofrerá horrivelmente... Ah! Aproveite a sua mocidade enquanto possui!... Não esbanje o ouro dos seus dias, ouvindo os tolos procurando sustar a inevitável decadência, e evite o ignorante, o comum, o vulgar... É a aspiração doentia, o falso ideal da nossa idade. Viva! Viva a maravilhosa vida de que dispõe! Não queira perder nada! Busque sempre novas sensações! Não receie... Um novo Hedonismo, eis o que pede este século (WILDE, 1993, p. 33).

Nesses excertos, também podemos perceber o modo como *Lord Henry* inicia seu experimento, a sua tentativa de tornar o jovem em um verdadeiro *dândi*, alguém que viva intensamente todas as experiências prazerosas possíveis, ele sente-se desafiado pela inocência que Dorian possui e, por isso, deseja transformá-lo. Henry valoriza muito a beleza, e uma das formas que o autor utiliza para demonstrar isso é a grafia da palavra “Beleza” com a inicial maiúscula, enfatizando a importância que essa tem para essa personagem.

O tema “beleza” é muito utilizado pelos decadentistas, para eles a beleza está no grotesco, no mórbido, nos pecados, naquilo que a maioria da sociedade considera horrível. No romance de Wilde ela está como uma forma de contrapartida das pressões sociais e das banalidades que existem no mundo. O autor a utiliza como uma forma de crítica a sociedade vitoriana que considerava a beleza do sujeito (entendida de maneira diferente da estabelecida pelos decadentistas) mais importante do que a sua essência. Segundo Camile Paglia, “Wilde foi um dos últimos teóricos antes do modernismo a insistir na inseparabilidade de arte e beleza” (1992, p. 473). Por isso, em seu romance há a relação entre beleza e pintura. E, é devido a isso, que sua personagem Dorian Gray se preocupa tanto com o

seu corpo, com a sua aparência.

Novamente podemos ver esse ideal nas falas de *Lord Henry*. Para ele, a beleza é efêmera e a inteligência é prejudicial, pois “[...] a beleza é uma das formas do gênio, a mais alta mesmo, pois não precisa ser explicada” (WILDE, 1993, p. 32). Aos poucos Dorian desperta para o que a vida pode estar reservando para si, como quando o narrador nos fala que: “[...] haviam-lhe tocado alguma corda secreta, antes adormecida, mas que ele sentia agora palpitar e vibrar” (WILDE, 1993, p. 30) e

Dorian desperta ainda mais quando ouve *Lord Henry* lhe dizer: “[s]erão poucos os anos que poderá viver, realmente, perfeitamente, plenamente; sua beleza se esvaírá com a mocidade e imediatamente lhe será fácil reconhecer que não mais poderá contar com triunfos, senão viver dessas migalhas de triunfos, que a memória do passado tornará mais amargas que as derrotas (WILDE, 1993, p. 33).

Após essa conversa, Dorian sente que envelhecerá e perderá todo o prestígio que sua beleza lhe proporciona, esse sentimento fica ainda mais forte quando vê o retrato finalizado, é como se só nesse momento percebesse quem ele é, e passasse a olhar para si mesmo. A partir desse contato com o retrato, Dorian valoriza ainda mais a estética o e “graça” com que nasceu, e pensa que faria qualquer coisa para manter-se sempre jovem e belo, como podemos perceber em sua fala enquanto olha para o seu retrato pela primeira vez:

[q]eu coisa profundamente triste, murmurava Dorian, os olhos fixo no retrato. Sim, profundamente triste!... Eu ficarei velho, aniquilado, hediondo!...Esta pintura continuará sempre fresca. Nunca será vista mais velha do que hoje, neste dia de junho... Ah! Se fosse possível mudar os destinos; se fosse eu quem devesse conservar-me novo e se essa pintura pudesse envelhecer! Por isto eu daria tudo!... nada há no mundo que eu não desse... Até minha alma!... (WILDE, 1993, p.37).

Dorian fica extasiado, com uma personalidade e pensamentos totalmente diferentes do que havia mostrado até então, é como se estivesse usando uma máscara e, nesse momento, ela caísse, revelando sua nova face. Podemos dizer que o autor está fazendo uma crítica à humanidade, pois todos utilizamos máscaras para cobrir quem realmente somos. Ele nos faz refletir sobre o fato dos homens viverem fingindo, sem nunca mostrarem sua verdadeira face. Novamente, Wilde critica o fato da sociedade viver pela aparência e não pela essência. Como afirma Fristch (2008, p.35) “Nesse romance ele não retratou apenas o jovem Gray, mas penetrou fundo na alma humana e fotografou seus abismos, suas paixões, seu cinismo, suas hipocrisias, seus sonhos”.

Basil é o primeiro a notar a mudança de Dorian: “[o] pintor observou-o com espanto. Estava tão pouco habituado a ouvir Dorian exprimir-se assim” (WILDE, 1993, p. 37). O medo de envelhecer e a influência de *Lord Henry* fizeram o jovem libertar seus sentimentos mais obscuros e mesquinhos, como podemos perceber nas seguintes falas: “*Lord Henry* Wotton tem toda a razão. A mocidade é a única coisa de valor. Quando perceber que envelheço, hei de matar-me! [...] Tenho ciúmes de tudo aquilo cuja beleza é imperecível. Tenho ciúmes do meu retrato” (WILDE, 1993, p. 37, grifo do autor).

Dorian nem percebe que está encantado, apaixonado por si mesmo. Notamos que talvez o autor esteja aludindo ao mito de Narciso, pois assim como Narciso é seduzido pela sua imagem e sofre

as consequências dessa obsessão, Dorian também fica obcecado pelo seu retrato e, à medida que suas atitudes são mais mesquinhas e egoístas, seu espírito passa por alterações e seu retrato torna-se um monstro. De acordo com Mariani (2008, p. 5)

Narciso, o narcisista não se apaixona por si mesmo: apaixona-se pela própria imagem refletida no lago. Eis, aqui, um outro mascaramento, uma outra distorção de conceitos ou valores promovida pelo distúrbio narcísico: erroneamente, o narcisista é entendido (e se entende) como um indivíduo que possui um amor exacerbado por si mesmo.

Assim, é importante ressaltar que Dorian não se apaixona por si, mas sim pela representação perfeita da sua imagem impressa no quadro, ele é um espectador de si mesmo. E também, percebemos que, enquanto a alma de Dorian sofre as consequências espirituais, o quadro sofre as consequências físicas, é como se o quadro refletisse o que estava acontecendo na alma de Dorian. Essa relação como mito de Narciso também pode estar ligada a influência dos gregos, retomando a ideia de se voltar aos clássicos, como *Lord Henry* desejava, e como os decadentistas também entendiam como um bom caminho.

Ainda relacionado com o mito de Narciso, está à primeira paixão de Dorian, o seu amor pela atriz de teatro Sibyl Vane. Essa personagem pode estar relacionada com Eco, ninfa que se apaixona por Narciso e, devido ao fato de não ter seu amor correspondido acaba morrendo. Assim como Eco morre em decorrência a esse amor, Sibyl Vane também tem sua vida ceifada ao ser rejeitada por Dorian. Quando Dorian fica sabendo da morte de Vane, sente um indício de remorso, mas ao mesmo tempo percebemos que ele sente prazer em saber sobre seu poder sobre ela. Nesse momento de conflito interior, Dorian percebe o seu retrato diferente, que há traços de maldade no rosto de “Dorian pintado”, retratando as atitudes do jovem em relação à atriz, como vemos no excerto: “[...] a face lhe pareceu um pouco mudada... A expressão revelava-se diferente. Dir-se-ia que ali havia como um toque de crueldade na boca... Era verdadeiramente estranho!...” (WILDE, 1993, p. 100).

No início, Dorian fica assustado ao ver seu retrato alterado daquela forma e sem entender o que está acontecendo. Somente depois de algum tempo lembra-se das palavras proferidas no ateliê de Basil, quando viu seu quadro pela primeira vez, e como desejou permanecer jovem enquanto o retrato envelhecesse:

[s]im, ele bem recordava. Havia enunciado o louco desejo de conserva-se jovem, enquanto envelhecesse esse quadro... Ah! se sua beleza não devesse fenecer e fosse permitido ao retrato, pintado nessa tela, carregar o peso de suas paixões, de seus pecados! (WILDE, 1993, p. 100).

A partir dessa lembrança, o protagonista reflete se isso realmente era possível “[...] Seu voto, por Deus! não podia ser entendido. São impossíveis tais coisas! Era inconcebível! Era até monstruoso pensá-las!... E, entretanto, o retrato ali estava, diante, mostrando na boca um arrepanho de crueldade!” (WILDE, 1993, p. 101). Era como se seu pedido tivesse sido atendido. Destarte, também podemos aproximar a obra de Wilde com a história de *Fausto*, de Goethe, onde o personagem faz um pacto com

o demônio, vendendo sua alma por meio da assinatura de um contrato. O que diferencia a obra de Wilde da de Fausto é a falta de clareza, a não explicitação se Dorian fez um pacto ou assinou algum documento com o Diabo.

A alteração na face do retrato fez com que Dorian pensasse sobre sua atitude com Vane. Contudo ele encontra uma forma de convencer-se não fez nada de errado, que a culpa era da moça. Porém, para sentir-se melhor em relação ao término do relacionamento, Dorian escreve uma carta a ela, falando que cometeu um erro e que iriam se casar, livrando-se, dessa forma, do peso na consciência. Entretanto, o quadro permanece com a feição cruel, e o protagonista percebe que ficarão gravadas no retrato todas as marcas dos seus atos. Então, como não havia como desfazer o que foi feito, e as marcas já estavam no quadro, Dorian define que esse seria o seu segredo: “[m]as o retrato?... Que dizer daquilo? Ele possuía o segredo de sua vida, revelava-lhe a história; havia-lhe ensinado a amar sua própria beleza. Ensinar-lhe-ia odiar a própria alma? Deveria contemplá-lo ainda?” (WILDE, 1993, p. 101). A partir disso, o protagonista resolve esconder o quadro em um quarto, mantendo a sua face mais cruel longe dos olhos dos outros, revelando apenas aquela que agrada a sociedade. Deste dia em diante, “[o] menino bonito jamais se emociona muito com as tragédias que causa a seus admiradores, já que dificilmente tem consciência de qualquer coisa fora de si mesmo” (PAGLIA, 1992, p. 481).

Diante disso, compreendemos a relação entre literatura e pintura estabelecida por Wilde, pois, nesse romance, a pintura revela ou exterioriza o que o homem esconde, ela é uma das faces de Dorian. Por meio dela percebemos a decadência, a idade, a corrupção e a moral que levam a personagem a destruição. Portanto, a pintura, nessa obra, pode tanto representar a aparência (a imagem de Dorian) como a realidade (a verdadeira face dele). De acordo com Camile Paglia (1992, p. 470, grifos da autora) “*The Picture of Dorian Gray* (1890-91) é o mais completo estudo do princípio erótico decadentista: a transformação d pessoa em *object d’art*. Wilde mostra a estranha simbiose entre um menino bonito e uma pintura”.

Podemos dizer que a obra de Wilde tem relação como os estudiosos da antiguidade clássica viam a relação entre pintura e literatura. De acordo com o texto *Ut pictura poesis as origens críticas da correspondência entre a literatura e a pintura na antiguidade clássica* (2010), de Sânderson Reginaldo de Mello, a pintura estava se libertando do domínio da literatura e quadros estavam deixando de representar o que os textos literários traziam. É o que acontece na obra de Wilde, pois é o romance que trata de uma obra de arte e não ao contrário. O único ponto de pode ter proximidade com o que os clássicos observavam é que as pinturas possuíam uma sequencialidade de ações e, na obra de arte de Wilde (ou de Basil) há ação no quadro à medida que nos é narrado as modificações do retrato a partir das ações de Dorian Gray.

O romance de Wilde também retrata um indivíduo que está em confronto consigo mesmo, com a sua imagem exposta em uma obra de arte. Dorian não consegue determinar sua identidade, pois é facilmente influenciado por Henry, pelo que está acontecendo em seu retrato e pela opinião da sociedade. Wilde questiona e critica a sociedade fria e interesseira, que se preocupava somente com a aparência e com o *status*. Por isso, *O retrato de Doria Gray* (1993) tornou-se o livro símbolo da juventude decadente, visto que Dorian rompe com a moralidade imposta pela burguesia, ao frequentar

prostíbulos e promover festas regadas a bebidas e prazeres carnavais. O que se percebe é que, talvez, o autor quisesse mostrar esse contraste entre o pregado pela sociedade como moral e o modo como ela realmente agia. Um exemplo disso é o puritanismo que todos deviam seguir, ao mesmo tempo que acontecia a prostituição de forma explícita. Como afirma Gonçalves (2011, p. 32) “Wilde desafiava a sociedade vitoriana, repleta de convenções moralistas e sociais geralmente relacionadas a preceitos religiosos”.

Ao trabalhar com esse contraste, percebemos como o livro foi influenciado pela estética decadentista. Tal ideia se confirma pois o “decadentismo, corrente literária do final do século XIX, é marcado pelo jogo extremado entre luxo e deterioração, educação e satanismo, luz e sombra, enlevo e desencanto, e, por extensão, superego e id; marcada, enfim, pelas noções maniqueístas de Bem e de Mal” (MARIANI, 2008, p. 2).

Desse modo, na obra de Wilde a literatura e a obra de arte se mesclam e podem, talvez, fazer com que o leitor pense sobre aquilo que é tipo e pregado como moral. O autor passeia nos mais íntimos e obscuros sentimentos humanos, revela o que as pessoas são capazes de fazer para não revelar a sua face mais horrenda, como no caso de Dorian, o seu retrato. Segundo Mariani (2008, p. 2, grifos do autor)

A raiz da questão é única, e pode ser tomada, neste primeiro momento, como a supervalorização da imagem em detrimento do *self*. Assim como o indivíduo narcisista investe a maior parte da sua energia na composição e manutenção de uma imagem, “desconsiderando” as demandas mais profundas do seu corpo e da sua essência, da mesma forma a sociedade (ou a cultura) constrói-se na base do desrespeito ao próprio ser humano e ao meio ambiente.

Além de haver uma crítica à sociedade e preocupação com a estética, por meio do entrelaçamento entre literatura e pintura, percebemos que, nesse romance, Wilde faz inúmeras referências ao modo como o pintor produz suas telas, o seu envolvimento com o trabalho e com a arte. Destarte, há a valorização tanto da arte quanto da literatura. Como vemos através do narrador: “[o] pintor olhava a graciosa e encantadora figura tão finamente reproduzida pela sua arte e um demorado sorriso de prazer passava-lhe pela face” (WILDE, 1993, p. 13). Basil estava totalmente envolvido pelo seu quadro e também pelo seu modelo e, devido a esse sentimento de fascinação pelo jovem e pela arte, seu quadro era como uma extensão de si, como exemplo temos nos seguintes excertos: “[a] essa tela comuniquei muito de mim próprio” (WILDE, 1993, p. 14) e:

[...] todo retrato pintado compreensivelmente é um retrato do artista, não do modelo. O modelo é puramente o acidente, a ocasião. Não é ele o revelado pelo pintor; é antes o pintor quem se revela na tela colorida. A razão que me impede de exhibir esse quadro consiste no terror de, por meio dele, patentear o segredo de minh'alma! (WILDE, 1993, p. 17).

“O artista Basil Hallward é “dominado” por Dorian Gray. Mas o próprio Dorian será dominado por seu hipnotizante reflexo, a obra de arte que registra a submissão imaginativa de Basil” (PAGLIA, 1992, p. 470-471, grifo da autora). Através desses trechos do romance, é possível dizer que Wilde

traz à tona a visão do artista sobre sua arte, e não somente o ponto de vista dos críticos de arte ou dos literatos em relação aos quadros. Além de abordar o modo como o artista entende a sua obra e exprime-se através dela. Como é possível perceber ao lermos a visão de *Lord Henry* sobre a Academia e o modo como a maioria das pessoas viam/vêem os artistas:

[i]sso é a tua melhor obra, Basil; a melhor coisa que até hoje fizeste [...] É preciso enviá-la, no ano próximo, à exposição de Grosvenor. A Academia é muito grande e muito vulgar. Cada vez que lá vou, o excesso de espectadores não me permite ver os quadros, o que é espantoso; ou melhor, o excesso de quadros não me deixa ver os espectadores, o que é horrível! (WILDE, 1993, p. 14).

Nessa colocação de Henry, podemos dizer que o autor está referindo-se à burguesia e criticando-a, pois vão às exposições de arte e adquirem quadros simplesmente para manter *status* e para ostentar as sua posição na sociedade. Todavia, nessa classe, na verdade, são poucas as pessoas que sabem apreciar a verdadeira arte., que a maioria dessas não são estetas, e o verdadeiro esteta é sempre um amante da beleza narcisista” (PAGLIA, 1992, p. 481). Também critica a super produção de quadros, que na maioria das vezes, ele são feitos para o mercado de consumo ou estão presos as ordens e normas da academia, deixando de lado a essência. Na fala de Basil, vemos como o artista se sente ou é visto pela sociedade:

[b]em sabes que nós outros, pobres artistas, temos que aparecer na sociedade, uma vez por outra, exclusivamente para provar que não somos selvagens. Com uma casaca e uma gravata branca, todo mundo, até um agente de câmbio, pode conseguir a reputação de um ser civilizado (WILDE, 1993, p. 17-18).

Não é somente a crítica ao modo como a sociedade vê e os artistas, mas também a crítica a respeito do modo como a sociedade valoriza as aparências. Para nós, essa obra faz uma profunda reflexão sobre valor da arte, da produção artística e dos sentimentos do pintor, da beleza, do narcisismo, da busca pela eterna juventude e, finalmente, sobre a manutenção das aparências a todo e qualquer custo.

Oscar Wilde, em uma das suas cartas aos críticos da época, fala que:

[a] verdadeira moral da narrativa é que todo excesso bem como toda a renúncia atrai o castigo, e esta mora está oculta com tanta arte, tão voluntariamente, que não enuncia sua lei como um princípio geral, mas se realiza unicamente em existências individuais, convertendo-se assim em simples elemento dramático, numa obra de arte e não no objeto da própria arte (WILDE, 1995, p. 1323).

Isso é possível devido ao modo como Oscar Wilde utiliza a personagem Dorian Gray. Esse jovem narcisista, amante das artes e que busca a entrega total aos prazeres humanos e sente o desejo de transformar sua vida em arte. Ele vive as mais diversas experiências de vida como experiência estética e, quando se sente culpado, procura fugir desse sentimento, esconder-se no retrato. Porém, por mais que Dorian tente se esconder, sua consciência está sempre presente, fazendo-o lembrar de todas as suas atitudes. É no quadro que Dorian vê as marcas das suas atitudes, “uma imagem que se enfeia e

degenera em compasso perfeito com a consecução dos atos sombrios por ele praticados” (MARIANI, 2008, p. 3). O retrato é a segunda face de Dorian, ou também pode ser a sua alma, a sua essência. Está estampado no quadro tudo aquilo que a sociedade condena e, por isso, ele o esconde. É a história de corrupção moral por meio de esteticismo. Nesse romance é desafiada a ideia que a sociedade da época tem sobre as relações humanas, definindo o caráter de uma pessoa a partir do seu exterior, de colocar a estética acima da ética.

Dorian Gray é uma obra de arte, e “[...] a pessoa como obra de arte está fora da lei. Dorian faz do arruinamento dos outros uma carreira” (PAGLIA, 1992, p. 472). Para o protagonista, ver o outro submisso e apaixonado por ele é muitíssimo prazeroso, a sua beleza é tanta, que exerce um enorme poder sobre as outras pessoas, neutralizando a moral de todos, e o mais atraído é o pintor Basil. Desde a primeira vez que Basil viu Dorian é como se o jovem dominasse o pintor, de tal modo que ele não consegue se libertar, e, entre eles ocorre o desejo sexual, mas “[n]ão se trata de desejo sexual comum. O idealismo grego é uma glorificação do olho, não uma satisfação dos sentidos” (PAGLIA, 1992, p. 476). É nesse momento de êxtase que Basil consegue “captar a personalidade” do jovem e retratar num quadro. Contudo, esse “amor” de Basil por sua obra, por Dorian, o leva à morte (Dorian esfaqueia e esquarteja Basil quando esse vê no que se transformou o retrato).

No decorrer do enredo Dorian Gray é também transformado em um artista, pois é ele quem constrói o seu retrato, como afirma Camile Paglia: “Dorian assumiu o papel de Basil como seu próprio retratista, trabalhando no quadro por telecinese” (1992, p. 485). Além disso, Lord Henry também participa dessa pintura de Dorian Gray, pois é através das suas ideias que o jovem foi se transformando.

Conforme vemos o processo de “pintura” do retrato pelas mãos de Basil, o processo influência ou de “pintura” de Lord Henry na personalidade de Dorian e a própria “pintura” de Dorian em si mesmo, se transformando, percebemos como eles sentem prazer em constituir a “sua arte”. Essa ideia fica mais evidente quando Wilde escreve em uma das cartas em resposta ao jornal que o criticava:

[o] prazer que se experimenta criando uma obra de arte é um prazer puramente pessoal e, pensando nesse prazer, cria-se.
O artista trabalha com os olhos fixos no seu objetivo. Nenhuma outra coisa lhe interessa. O que possam dizer nem sequer lhe passa pela imaginação. Está fascinado pelo que tem entre as mãos (WILDE, 1995, p. 1327).

A questão da relação entre pintura e literatura que permeia o romance de Wilde pode ser aproximada ao texto *Ut Picture poesis: uma questão de limites* (1989), de Aguinaldo J. Gonçalves, quando esse menciona que a pintura e a literatura, em algum momento, aproximam-se mantendo as diferenças e particularidades de cada uma. Wilde fez um romance sobre uma pintura e mantém a característica de cada expressão artística, buscando manter o belo de cada uma.

O retrato de Dorian Gray (1993) traz à tona um dos maiores medos da humanidade: o medo de envelhecer fisicamente e na alma. Além disso, questiona a beleza, a juventude, os valores morais da sociedade da época. E, talvez, seja por isso que houve tanta polêmica em torno dessa obra, pois confrontou as pessoas com tal temática, promovendo oportunidade da população ver o que estava acontecendo ao seu redor. Oscar Wilde construiu um romance que prende o leitor, porquanto trata

sobre os desejos e atitudes mais sombrias do ser humano e, boa parte das pessoas gosta de ler e de saber sobre essas atitudes. Segundo Tenório (2013, p. 177, grifo da autora)

[o] que torna o protagonista de *O retrato de Dorian Gray* atraente é nos identificarmos com ele, é percebermos que não é possível “excluir” de si, separar de si a parte obscura de nós mesmos, porque essa parte nos equilibra, nos põe em movimento.

Talvez seja por isso, que o romance atraiu tantos leitores, pois inúmeras pessoas sente-se atraídos por questões que envolvem a nossa luta interior, entre o nosso lado “bom” e nosso lado “mau”. Como o próprio autor diz em uma das suas cartas: “[c]ada qual vê seu próprio pecado em *Dorian Gray*” (WILDE, 1995, p. 1326). Além disso, houve aqueles que leram movidos pela curiosidade em saber como é viver uma vida regada a experimentações e prazeres, a “vida proibida” pela moral e bons costumes da época. Podemos dizer, que essa pode ter isso um dos motivos pelos qual é provocada a reflexão nos leitores, levando-os a pensar sobre o modo como estavam vivendo. Ademais, Wilde diz que escolheu essa atmosfera para que sua narrativa tivesse sentido e que o papel do artista é criar situações e ambientes, como verificamos em uma resposta aos críticos do seu livro na época da publicação:

Era necessário, [...] para o desenvolvimento dramático de minha narrativa, que *Doria Gray* estivesse rodeado de uma atmosfera de corrupção moral. Sem isto, a narrativa não teria sentido algum, nem a intriga nenhum desenlace. Manter essa atmosfera do vago, do indeterminado, do maravilhoso, eis aqui a finalidade do artista que escreveu a narrativa (WILDE, 1995, p. 1326).

Apesar dos inúmeros críticos da época terem condenado a obra de Wilde, ela sem dúvidas um grande romance. Nela vemos a literatura e a pintura em um mesmo patamar e não uma submetida à outra. Além disso, vemos o espírito de alguns escritores da época e a sua relação com as diversas artes. Esse romance nos faz pensar sobre o modo como somos conduzidos pelas normas, morais e padrões estéticos impostos pela sociedade, tanto para a vida das pessoas como para a produção de arte, e quais as consequências quando se foge a essas normas ou quando se busca ser aceito pela sociedade a todo o custo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escritor Oscar Wilde fez um romance que aproximou a literatura e a pintura de tal forma que fica difícil estabelecer um limite entre as duas artes. Sua obra permite ao leitor admirar uma obra de arte e a sua produção através de um texto literário.

Aliado a isso, o autor também nos revela um personagem capaz de qualquer coisa em busca da eterna juventude e dos prazeres mais variados. Tudo isso, sobre influência dos seus desejos mais íntimos, dos pensamentos e conversas com *Lord Henry*, do seu retrato e do que a sociedade impunha como correto e digno de ser seguido. A partir disso, é possível atentar para o modo como a sociedade controla a maneira de viver dos indivíduos, como algumas pessoas fazem qualquer coisa para serem

aceitas por aqueles que ditam as regras.

É possível compreender como a obsessão com o belo superficial, com a estética, e com o prazer pode causar no sujeito e, conseqüentemente, na sociedade. Além disso, podemos pensar sobre as pessoas que consideravam a beleza exterior importante e, que isso estava em desacordo com o puritanismo e a moral pregada por esses mesmos indivíduos.

Dessa forma, podemos dizer que este romance é uma crítica à sociedade vitoriana do século XVIII. Oscar Wilde faz essa crítica através de uma série de metáforas sobre a decadência da moral e do espírito dessa sociedade. Uma sociedade que se mostra sorridente, feliz, pura, bela, mas que na realidade é suja e podre por dentro, que não vive realmente ou faz aquilo que prega.

REFERÊNCIAS

FRITSCH, Ana J. *A ironia: processos discursivos e visão de mundo em O retrato de Dorian Gray*. 2008. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2008. Disponível em: < http://www.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/dissertacoes/2006/ana_julia_fritsch.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2014.

GONÇALVES, A. J. Ut Pictura Poesis: uma questão de limites. *Revista USP*, São Paulo, n 3, nov. 1989, p. 177-184. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25493>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

GONÇALVES, Karen A. *Do livro as telas: traduções intersemióticas de Dorian Gray*. 2011. 77 f. Monografia (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37573/000820155.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

MARIANI, Sérgio L. S. Dorian Gray: um retrato do narcisismo sob a ótica de Alexander Lowen. In: Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro, Convenção Brasil/Latino-América, XIII, VIII, II, 2008. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br>. Acesso em: 19 nov. 2014.

MELLO, S. J. Ut Pictura Poesis e as Origens Críticas da correspondência entre a literatura e a pintura na antiguidade clássica. *Miscelânea*, Assis, vol.7, jan/jun 2010, p. 215-241. Disponível em: < <http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v7/sanderson.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

PAGLIA, Camile. O menino bonito como destruidor: The Picture of Dorian Gray. In: *Personas sexuais: arte e decadência de Nerfete a Emily Dickinson*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 470-486.

TENÓRIO, Patrícia. O Retrato de Dorian Gray: a luta entre o Bem e o Mal no romance de Oscar Wilde e na pintura de Ivan Le Lorraine Albright. *Intersemiose*, Pernambuco, n. 3, jan/jul 2013, p. 170-180. Disponível em: < <http://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2013/07/13.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

WILDE, Oscar. Páginas de autocrítica: Dorian Gray. In: Mendes, Oscar (org. e trad.) *Obra completa, Oscar Wilde*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 1315-1330.

_____. *O retrato de Dorian Gray*. Trad. João do Rio. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

Juliana Prestes de Oliveira

Licenciada em letras Português-inglês, pela UTFPR e Mestra em Letras Literatura, pelo PPGLetras, UFSM/RS. Atualmente é doutoranda em Letras Literatura, bolsista CAPES/DS, e acadêmica do Curso EaD de Especialização em TICs aplicadas à educação, ambos pela UFSM. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, Literatura e Memória e Literatura, cultura e interdisciplinaridade. E-mail: jprestesdeoliveira@gmail.com

Amanda L. Jacobsen de Oliveira

Doutoranda e Mestra em Letras Literatura, na linha de pesquisa Literatura, cultura e interdisciplinaridade, pelo PPGLetras, UFSM/RS, como bolsista CAPES/DS. Licenciada em Letras Português-Ingês (UTFPR). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, literaturas de língua inglesa, literatura contemporânea, literatura, cultura e interdisciplinaridade. E-mail: amandajacobsen.o@gmail.com

Anselmo Peres Alós

Possui graduação e Doutorado em Letras, pela UFRGS, e Pós-Doutorado, pela UFPE. É professor Adjunto na UFSM/RS. Foi Professor-Visitante na UNILA, Professor-Leitor junto ao Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique e Professor-Colaborador do Centro Cultural Brasil-Moçambique e do Instituto Superior de Comunicação e Imagem de Moçambique. Tem experiência na área de Letras, com ênfase nos seguintes temas: Literatura Comparada e Teoria Literária. E-mail: anselmoperesalos@gmail.com

Enviado em 30/03/2018.

Aceito em 30/04/2019.